

## O Brasil que o mundo vê

*Edison Lobão, ministro de Minas e Energia*

Contribuem em muito para a imagem do Brasil os resultados alcançados na produção de biocombustíveis.

À frente do Ministério de Minas e Energia desde janeiro de 2008, tenho me dedicado desde então a atender às demandas internas, imensas e numerosas, na proporção do tamanho do Brasil, que a ele chegam a toda hora. Igualmente, tenho cumprido atividades no exterior, as quais só têm crescido em número e importância nesses 15 meses.

Há pouco regressei da Espanha, onde cumpri rica agenda de contatos com instituições e empresas vinculadas à produção de energia eólica, segmento que aquele país lidera mundialmente. É evidente o interesse espanhol em participar cada vez mais do esforço de implantação desse tipo de energia renovável no Brasil.

A Espanha é o segundo maior investidor estrangeiro em nosso país, tendo aqui aplicado o equivalente a 3% do seu PIB, ou mais de U\$ 35 bilhões. Pelo que pude perceber, o ânimo é o de aumentar essa participação, tanto na área energética, quanto nos setores hoteleiro, financeiro, de telefonia etc.

Em 18 e 19 de março deste ano, visitei Viena, como convidado do IV Seminário Internacional da Organização dos Países Exportadores de Petróleo. Na mesma condição, fora a Jeddah, na Arábia Saudita, em junho de 2008; e a Londres, em dezembro do mesmo ano, quando de reuniões de ministros de Petróleo e Energia dos principais países produtores e consumidores daquele combustível fóssil.

Em Viena, após minha intervenção, o presidente da mesa, ministro de Energia do Qatar, defendeu publicamente o ingresso do Brasil na Opep, embora o país não seja ainda exportador.

Quero com isso ressaltar o aspecto extremamente positivo da imagem do Brasil no exterior, atualmente. Ao lidarmos com nossa dura realidade diária, frequentemente não percebemos que o país vem mudando para melhor e que isso tem reflexo, em escala

global, no modo como é visto por seus parceiros. Sinto-me feliz de poder contribuir em prol do esforço pela inserção do Brasil de modo mais protagônico e justo no mundo.

Os convites para as reuniões em Jeddah e Londres levaram em conta a expressiva produção de petróleo que alcançamos, atualmente em torno de 2 milhões de barris/dia, e as perspectivas que se abrem para o Brasil com as recentes descobertas na área do pré-sal. Aos olhos do mundo, o Brasil desponta como importante produtor e consumidor. Nossas posições são consideradas. Somos hoje um país que, não pertencendo ao grupo dos mais desenvolvidos, influencia, com suas decisões, expressiva parte do globo.

Na Espanha, reuni-me com o ministro da Indústria, Turismo e Comércio, Miguel Sebastián, quando repassamos temas de interesse da agenda bilateral na área energética. Meu interlocutor queixou-se da profundidade com que a atual crise financeira internacional vem atingindo seu país e disse torcer para que isso não aconteça com o Brasil, que chamou de "um dos esteios da economia mundial".

Dele soube que, no passado mês de março, o consumo de energia na Espanha havia decrescido 10%, enquanto o do Brasil vem se mantendo relativamente estável. Não pude deixar de refletir sobre as possíveis consequências dessa crise e sobre os esforços do Brasil para não ser por ela tragado.

Também comentei com o ministro espanhol a preocupação do Brasil com seus vizinhos quanto à energia. Na data de meu embarque havia firmado com meu homólogo argentino memorando de entendimento sobre intercâmbio elétrico, pelo qual o Brasil, a exemplo do que já fez no ano passado, abastecerá aquele país com até dois mil MW/dia de energia, entre maio e agosto, quando, devido ao inverno, a energia gerada no país vizinho é insuficiente para atender ao elevado consumo provocado pelas baixas temperaturas. Com o mesmo espírito de cooperação, estamos abastecendo o Uruguai com 400 MW/dia de energia elétrica. Ou seja, não apenas o desenvolvimento do país, mas também sua atuação junto a outros países, tem contribuído para consolidar uma imagem respeitável do Brasil lá fora.

Há outros exemplos que poderia aqui mencionar para reforçar essa impressão. Um deles, a Conferência Internacional de Biocombustíveis, realizada entre 17 a 23 de novembro de 2008, em São Paulo, com a participação de mais de 80 delegações de países estrangeiros. Contribuem em muito para a imagem do Brasil os resultados alcançados na produção de biocombustíveis, a que o país dedicou-se a partir da primeira crise do petróleo, nos primórdios dos anos 70. O fato de produzirmos 25 bilhões de litros

anuais de etanol, de sermos o maior exportador do produto e de hoje utilizarmos mais álcool que gasolina em nossa frota de veículos ressalta a posição do Brasil no contexto internacional e, creio, incomoda também.

Não é fácil para o mundo mais desenvolvido aceitar que o Brasil domine uma tecnologia muito mais limpa que a do petróleo, e verificar que foi a partir do seu domínio que conseguimos alcançar a autossuficiência nesse campo. É difícil explicar que o crescimento da produção de etanol não se fez em detrimento do cultivo de alimentos, área na qual o Brasil também avançou significativamente nas últimas três décadas. Não é simples tentar convencer que o etanol pode ter uso complementar ao do petróleo, sem necessariamente concorrer com ele.

Hoje em dia, o Brasil desfruta de situação singular no mundo. É o segundo principal produtor de biocombustíveis e, graças às descobertas na área do pré-sal, entre outras conquistas, prepara-se para entrar no mercado exportador de petróleo. Sem dúvida alguma, essas circunstâncias constituirão forte catalisador de novos investimentos externos diretos no país. Nosso desafio é fazer com que tragam, também, melhores condições de vida para a população brasileira.

Em suma, nem sempre o quadro que pintamos de nosso país corresponde ao que dele se tem lá fora. Pelo que percebo, a imagem externa é francamente favorável.

*\* Artigo publicado no jornal Valor Econômico, em 23 de abril de 2009.*

